

A proposta de Anne Krueger

Patrick Cruz
de São Paulo

A vice-diretora-geral do Fundo Monetário Internacional (FMI), Anne Krueger, ressaltou na sexta-feira que sua proposta de reestruturação da dívida dos países precisa do comprometimento dos devedores e de toda a comunidade internacional para que se torne viável. Na palestra que fez no Encontro Latino-Americano da Sociedade Econométrica, sexta-feira, disse que os emergentes "não têm o que temer, mas muito a ganhar".

"A reestruturação requer uma ação conjunta de devedores e credores." Em novembro do ano passado, quando expôs pela primeira vez sua idéia de reestruturar a dívida dos países, ela foi pelo Instituto de Finanças Internacionais e pelo Federal Reserve (Fed), o banco central norte-americano. O mal-estar foi compartilhado pelos 24 diretores do FMI, a quem Anne Krueger teria pedido desculpas.

Desde então, ela tem desenvolvido a idéia. Na explanação feita em São Paulo, relatou a idéia da formação de uma espécie de "comitê de notáveis" para decidir as pendências das reestruturações. Cada um dos 183 membros do Fundo indicaria um nome para compor o grupo, que seria formado por 21 pessoas. "Esse grupo teria que se caracterizar pela independência, confiabilidade, diversi-

dade e imparcialidade. Se cada membro do FMI indica um nome, o comitê será marcado pela diversidade geográfica e de experiência profissional a que se propõe."

Anne Krueger disse que o processo funcionaria nos moldes de leis inglesas, o que é uma sugestão de padronização das regras às quais o comitê estaria pautado. A idéia ainda tem pontos indefinidos nesse quesito, já que os países emergentes costumam emitir sob diversos parâmetros legais. Citou o caso da Argentina, em que 88 bônus não quitados passam pelo problema. Há dificuldade de aplicação da proposta.

Uma das críticas mais recorrentes à idéia é que, no futuro, o acesso ao crédito privado poderia ser afetado. A número dois do Fundo refutou os argumentos. "Não vejo razão para as pessoas acharem que a mudança possa reduzir o fluxo de capitais. O processo pode melhorar a alocação global de fundos, o que deixaria o sistema mais forte e estável", disse.

Para o ex-ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser-Pereira, a reação contrária de alguns países à proposta é "uma grande bobagem", já que ainda há muito a ser discutido para que um dia possa realmente ser trazida à baila. "O país é que tem que pedir concordata, e a grande maioria dos credores tem que concordar com ela."

Questões legais e resistência de governos são barreiras ao plano para reestruturação